

# ARTE POPULAR REVOLUCIONÁRIA

José Madureira Vasconcellos

## Introdução

A ARTE POPULAR REVOLUCIONÁRIA não tem data de nascimento. Não foi criada por ninguém e não é fruto de um exaustivo trabalho intelectual oriundo de uma equipe de artistas revolucionários. A arte popular evolucionária, queremos crer, não possui seus teóricos, seus trombetas, seus arautos. Não está sedimentada em plataformas acadêmicas ou em escolas modernas, não possui mestres nem inspiradores. A terminologia revolucionária de arte popular não é revolucionária apenas na sua denominação, mas é todo um processo de estruturação de uma cultura natural e emanente que está, ainda, impedida de se tornar lapidada e que permanece nas trevas à qual foi lançada pelo feudalismo capitalista, onde a cultura é privilégio de classes abastadas.

A ARTE nasceu com o próprio homem, tornou-se expressão do mesmo, quando ainda no período Magdallense o "Cromagnon" deixaria as primeiras manifestações do pensamento humano nos pareceres de Lascaux e Altamira. A arte popular, por sua vez nasceu com o povo, isto é, tornou-se manifestação do pensamento a partir do momento em que natureza o homem passaram a se contemplar no fenômeno massa. A arte popular, bem mais autêntica enquanto essência de captação e transmissão, nasceu com o povo, do povo, para o povo. Os intelectuais de esquerda, mormente os teóricos, estetas e críticos incorrem no grave erro de elaborar uma cultura popular, quando o certo seria moldar a cultura já existente. Não se trata de criar uma arte popular, trata-se de estruturá-la esteticamente.

ENQUANTO AS ELITES fomentavam um aprimoramento da Arte, enquanto a filosofia penetrava pelo campo da reflexão do belo através da Estética, enquanto a história da arte é uma repetição de intelectualidade em contradições dialéticas, a arte popular acompanhava as manifestações rudimentares de uma

maioria que, permanecendo maioria, via distanciar de si, cada vez mais, o nível de acesso que a credenciaria como legítima EXPERIÊNCIA no campo da arte. Experiência que contribuisse para o aprimoramento da cultura e para a universalidade da arte. Por esta modesta tese queremos condenar as definições acadêmicas segundo as quais a arte é universal, isto porque o povo fenômeno principal de universalidade, não participa da estrutura da arte. A arte tornou-se, por fim, um privilégio de elites. A Idade Média decretou a morte da cultura voltada para o povo. A arte perde aí, historicamente, a sua função universal. Os mosteiros reservavam para si, na austeridade clerical das escolas e das bibliotecas, a luz da cultura, da crítica, da análise, da criação. O artesanato, desprovido de qualquer proteção, caiu num ostracismo que o levaria a eclosão com o aparecimento do socialismo que viria fazer o mundo voltar-se ao problema POVO, maioria esquecida e impossibilitada de construir, criar, captar e transmitir. A arte popular é desprovida, por um fator sócio-econômico-histórico, de qualquer qualidade estética, uma vez que, lhe faltam a técnica, a elaboração, a consciência do fenômeno natureza, e o conhecimento básico de qualquer cultura revolucionária, seja a dialética do belo.

"O FENÔMENO REVOLUÇÃO" implica hegemonia de revolução, e esta se faz fazendo revolução. Por isso falham redondamente os intelectuais de gabinete, que isolando da fase de militância pré-revolucionária se arvoram em traçar normas e padrões de uma cultura que, embora denominada popular, de forma alguma satisfaz ao processo revolucionário. De certo modo poderíamos nos arriscar e dizer, sem falha, que a contribuição do intelectual esquerdista de gabinete é mais uma pedra na muralha da contra-revolução brasileira. Este fenômeno nos faz tristes ao sabermos que as capacidades de expressão da arte popular não vão além do rude, do trivial e de uma mal elaborada concepção sensível do cosmos. A arte popular nasceu com o povo, desde que este povo passou a ser maioria espoliada e escravizada, assim é que os motivos de expressão desta arte tornaram-se, muitas vezes, em meio de manutenção de famílias inteiras que, por uma inconsciente necessidade de sobrevivência, são obrigadas à comerciar o artesanato. A burguesia se deleita em ter, em casa, bonecos de barro, chapéu de palha, jarras pintadas pelos feirantes de Caruaru, sem sequer saber que tais peças são expressões inconscientes de um povo que sofre o fenômeno da decadência do capitalismo e que, por con-

seguinte, sofre as injustiças traçadas para sustentar o poder dos opressores. Os bonecos de barro cosidos que enfeitam os pianos e as mesas das luxuosas residências burguesas trazem refletidos consigo as marcas mais profundas de uma angústia, uma solidão, um drama de arte. Ao observarmos a estrutura estética de uma dessas obras de arte popular, os bonecos de barro cosido, notamos quer na curvatura dos ombros, do tórax, das pernas, quer nos apetrechos carregados sobre as costas, ou mesmo no simples cachimbo no canto da boca, toda uma estrutura arcaica, injusta e inconcebível que o artesão, no rudimento estético deixa transparecer. A arte popular é sobretudo a expressão de um drama diário sofrido pelos que, possuindo o dom da criação e captação e transmissão, se vêem impedidos de torná-la verdadeira e autêntica obra de arte.

À medida que a cultura se distancia do povo, vai perdendo sua universalidade. A arte, queremos crer, no nosso modesto modo de conceber o mundo, é a mais pura expressão da liberdade. O artista é por excelência um homem livre. Todavia o fenômeno LIBERDADE implica uma realidade que não é subjetiva, que não se acha desligada do palpável. Outrossim o homem artista implica antes de SER CRIADOR, simplesmente SER. A fenomenologia da existência, na razão direta da dialética histórica, implica liberdade como verdade o artista como homem. Ora, sabemos que a liberdade é fator utópico na sociedade em que vivemos e que o homem, quando NÃO ACOMODADO à atual estrutura de nossos dias é relegado à condição da injustiça. Portanto arte como expressão mais pura da Liberdade, nos dias atuais, é uma definição que tem função apenas na teoria não condizendo com uma realidade prática. O artista revolucionário tem o dever de expressar esta LIBERDADE como sua principal contribuição à fenomenologia revolucionária. Uma constatação de tudo o que até agora pudemos ver, nos leva a definir a arte popular como incapaz de contribuir para a revolução brasileira uma vez que ela não possui meios necessários de aprimoramento, expansão e, sobretudo, de se tornar uma escala de valores que pesem na História da Cultura. A Arte Popular Revolucionária, que não tem data de nascimento, torna-se, todavia, concreta quando os intelectuais da esquerda tomando consciência de que a Arte é expressão da Liberdade e que esta Liberdade é utopia, passam ao lado do povo que é o verdadeiro sofreador, o verdadeiro espoliado, o verdadeiro aparteado. Nesse ponto colocamos o CPC como o grande elo entre a arte e o POVO.

## ARTE - expressão de um povo

A ARTE, já vimos, é a expressão mais pura da Liberdade. Ora a Liberdade é a realização da Ordem, da Hierarquia, do Direito, da Fraternidade, etc. Sendo a ARTE EXPRESSÃO da Liberdade ela é, sobretudo, expressão de um povo. No nosso caso, de um povo que sofre, tem fome e morre de fome, é injustiçado e não pode ainda explicar o porquê, vê distanciar de si cada vez mais o fator CULTURA, sem o qual qualquer manifestação de Liberdade é impossível e utópica e a própria Liberdade é uma inexistência. Os candomblés da Bahia, o Bumba Meu Boi, os Sambas de Favelas, a Feira de Caruarú, tudo isso - ao expressar quer um sincretismo religioso, quer um folclore introduzido pela África num africanismo sem semelhantes, quer como manifestação de um artesanato condenado à exploração e ao ostracismo - tudo isso é, antes de tudo, a expressão não de um sub-arte, mas de uma arte ainda selvagem, em estado primitivo, colonial e barroca enquanto época, misticista enquanto expressão, sincretista enquanto social.

SE PARTIRMOS DO HOMEM para atingirmos o social teremos que a arte é a manifestação do sensível da pessoa humana, o modo pelo qual a cultura se manifesta do subjetivo ao objetivo, sendo aquele pessoa e este massa, senão aquela cúpula e este base. Dentro deste raciocínio, nem sempre condizente com o fator realidade, a cultura se torna maleável, sentimentalista no bom sentido da palavra. Se, ao contrário, tomarmos como ponto de partida o Social para atingirmos o Homem teremos aí, exatamente neste ponto, a grande negação do século moderno que impede, por todos os meios, a expansão de uma arte nata, emanente, surgida do íntimo não de um escravo, mas de toda uma senzala, tornada rito sincretista de uma sociedade que até hoje ainda conserva os requisitos burgueses de uma arte colonial completamente desligada do fator povo.

A EXPANSÃO da arte popular, arte nata, expressão de um povo, etc, implica todo um processo revolucionário. É utopia refazer e refazer esforços no sentido de expandir, garantir, fortalecer a arte popular dentro de um contexto social desumano. Arte e Revolução implicam povo, povo implica todo um compromisso histórico que o artista de esquerda assume a partir do momento em que, vivendo o problema povo, se transforma num captador e transmissor intelectual do mesmo. É impossível se fazer arte popular se, ao mesmo tempo, a expres-

são revolucionária não acompanha o processo de politização e libertação. Na sociedade capitalista, a arte popular nunca passará do que tem sido até agora: uma arte relegada ao plano das trevas, impedida de se expandir, de quebrar as correntes que ainda a prendem a uma evocação de elementos sobrenaturais, chegando muitas vezes a perder a sua expressão enquanto manifestação de liberdade para se tornar nesta lenta e exaustiva ladainha de ritos, magias, lamentações. Lamentações que cantadas são motivos de aplausos por parte da burguesia pseudo-intelectual que vê, na arte popular, apenas o que ela possui de belo, comovente, nato ou expressivo estético, e não é capaz de compreender que esta arte é, antes de mais nada um desesperado meio pelo qual se expressa a massa faminta e expoliada. Nesse sentido, a arte popular passa a ser um divertimento para os privilegiados. Um "Pagador de Promessas" poderá fazer chorosas milhares de platéias mas não irá além disso: a burguesia aplaudirá, os poderosos comentarão, os críticos tecerão seus comentários, enquanto que o problema do ZÉ DO BURRO continuará existindo sem solução. Numa sociedade capitalista, a arte popular será sempre algo a ser admirado, "respeitado", sempre a evocação de um passado colonial de um caboclo que senta e canta, de um artesão que tece as malhas de uma rede, mas não passará disto. À sociedade capitalista em decadência adiciona-se uma arte popular estagnada. Por isso o fenômeno ARTE POPULAR implica transformação, ruptura, revolução. A ARTE POPULAR REVOLUCIONÁRIA será toda esta transformação que possibilitará, mudado o contexto social, a expansão da arte povo e o seu natural acesso à hegemonia na escala da estética.

A ARTE não é apenas o refletir de uma realidade mas é também a tomada de posição perante esta realidade. A Arte não é algo amorfo, pastoso e inanimado. A Arte não se contenta com o fator observação ou com o fator captação e transmissão. A Arte toma um partido, ou pró ou contra qualquer coisa (ERNEST FISCHER-O PROBLEMA DO REAL NA ARTE MODERNA- Estudos Sociais - nº 16- pag. 417). Sendo expressão da liberdade a arte se tornará revolucionária à medida que o fenômeno revolução passe a caminhar ao seu lado, ou melhor, à medida que ela, arte, contribua para a revolução. Trata-se de superar uma arte fragmentada e promover uma arte engajada. O mundo capitalista já não mais possui a visão do conjunto, do coletivo, do social. Por isto a arte na sociedade burguesa capitalista tem sido fragmentária, parcial e privilégio de

elites. Longe do real, longe do objetivo, pois real é povo, objetivo é o que se faz para progredir este povo, longe destes dois fatores notáveis e importantes, a burguesia sustenta uma arte alienada, desligada do real e fomenta o subjetivo levando-o a uma escala que chega a atingir o absurdo: a arte pela arte. Não existe arte comprometida com a própria arte, existe arte comprometida com o homem, o artista não transmite uma alienação mas uma realidade. As definições dogmáticas de arte, bem como as definições da filosofia medieval perderam o sentido porque foram transitórias e não foram capazes de definir nada além do contexto histórico de uma época na qual foram elaboradas. Evidente que a arte é universal e o fator universal compreende o englobamento de toda a História, dando-lhe o dom da imortalidade. Consideremos ou não os estetas do passado, aceitemos ou não as definições de arte elaboradas nas diversas correntes da Estética desde Sócrates, somos obrigados a reconhecer que a ARTE É A EXPRESSÃO MAIS PURA DA LIBERDADE E O ARTISTA O MAIS LIVRE DOS HOMENS. Para Hegel a arte é a expressão sensível da idéia, para Aristóteles é a expressão corretora da natureza, para Fischer ela é um problema real, visível, palpável. Porém, expressando a idéia, corrigindo a natureza, sendo a problemática do real, a ARTE é fenômeno de liberdade.

## LIBERDADE E POVO

SABEMOS QUE A LIBERDADE é utopia na sociedade ocidental e não nos podemos contentar com as definições e plataformas que nos levam a crer em promessas e mentiras. O nosso povo marcha para um desespero cada vez mais, embora haja indícios de conscientização. O povo brasileiro seria um dos últimos a ser citado como exemplo de cultura, mesmo folclórica. Porque Folclore implica Etnologia, Antropologia e Sociologia. Notamos uma disparidade também no ponto de vista artístico: a arte expressada por um povo, cuja mais da metade de sua gente é analfabeta. Cultura é coisa de rico, no Brasil, a Arte também o será por natural consequência. Liberdade e povo são coisas que não se igualam no nosso país. Liberdade e Povo estão separados, sendo que as elites transformaram Liberdade em tratados ou hegemonia de apoteoses planfletárias, completamente desligadas do real. A Arte sofrerá com isso o drama da Alienação.

## O ARTISTA, A ARTE O POVO

Há, na vida de todo o artista, o fenômeno movimento de intervalo. O intervalo é o momento que existe entre o captar e o transmitir. Um artista transmitirá aquilo que foi elaborado neste intervalo. Ora, antes de ser artista, o mesmo é homem. Homem que está comprometido com a História, História comprometida com a Verdade, a Justiça, o Povo. A obra de arte será alienada à medida que ela não expressa a História. Não expressar a História significa rompimento com o povo, que é a razão mesma desta História. Um artista que se perde em decantar poemas saudosistas, em paisajar crepúsculos e auroras, aliena-se completamente ao drama de milhares e milhares de irmãos seus que, não tendo o privilégio da cultura, dormem num mundo de trevas. O Artista popular está comprometido com a História e sua obra, naturalmente, expressará o povo, o popular, o autêntico, o real. O CPC tem o dever de formar, também, o artista popular revolucionário. Não apenas sectarizar sua ação voltada para uma massificação popular e transformar peças em comícios etc., mas formar artistas, aproveitando o privilégio cultural para lançá-lo na LUTA REVOLUCIONÁRIA.

NOTA: AQUI SÓ SE ACHAM OS ITENS NECESSÁRIOS.  
O DESENVOLVIMENTO DESTES ITENS SE PROCESSARIA  
NA APRESENTAÇÃO ORAL DA TESE.